

MANDA QUEM PODE

PROVERBIO EM UM ACTO

POR

FRANCISCO LUIZ DE ABREU MEDEIROS

NATURAL DE SOROCABA

Empregado publico em S. Paulo.



RIO DE JANEIRO

PUBLICADA E Á VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

66, Rua do Ouvidor, 66

PERSONAGENS.

JOSÉ DA SILVA, Capitão da antiga Guarda Nacional.

ANTUNES, sargento da mesma.

PAULINO DO NASCIMENTO, qualificado Guarda Nacional.

MANOEL DO PRADO, Subdelegado de policia.

ANNA THEREZA, velha, mãe de Paulino.

(A scena passa-se em uma freguezia antes da nova lei da Guarda Nacional).

« Visto. Delegacia de Policia de S. Paulo, em 21 de Janeiro de 1863. — *Pedro Taques.* »



MANDA QUEM PODE

Sala simples em casa de José da Silva.

SCENA I.

SILVA, *sentado, acabando de escrever, e*
ANTUNES *em pé, de farda curta, bar-*
retina antiga, e banda de sargento.

SILVA.

Eis aqui a lista, Sr. sargento; os seis da cabeceira—presos por oito dias, e os outros, por tres,—são os tratantes que não votarão comigo nas ultimas eleições. Ponha-se á pista de todos elles, e não me deixe escapar um só.

ANTUNES.

As ordens de V. S., Sr. capitão, hão de ser cumpridas exactamente.

SILVA.

Muito bem. Quanto ao pelintra do Paulino do Nascimento, por ora não lhe marco os dias que deve permanecer na prisão; se elle não se apresentar fardado para acompanhar a procissão de hoje, agarre-o em qualquer lugar onde encontra-lo, arrume-o no chilindró, e venha dar-me parte immediatamente.

ANTUNES.

Sim, Senhor; mas devo lembrar a V. S. que elle teve aviso para se fardar ha quatro dias... é um prazo muito limitada, e por certo que não pôde comparecer.

SILVA.

Cadêa n'elle; o que eu quero é ter um pretexto para amansa-lo: prenda-o, nada de contemplação.

ANTUNES.

E no caso de não querer elle entregar-se á prisão?

SILVA.

Tanto melhor. Chame quatro guardas nacionaes, mande amarra-lo como um porco, e carrega-lo para a cadêa em um grosso vará. Assim é que se ensina um maroto daquelles, que não se humilha aos seus superiores. Quero vêr quem é que pôde mais, se elle um simples soldado, ou eu, que sou o commandante da Companhia.

ANTUNES:

Eu vou dar cumprimento ás ordens de V. S.; mas já estou com a pulga atrás da orelha, receando a lingua da mãe.

SILVA.

Qual mãe! quem é que faz caso de lingua de mulher?!

ANTUNES.

Ah, Sr. capitão! não diga isso! eu tenho tanto medo de um linguório feminino, como de morrer de repente sem confissão, e ir direitinho para o inferno. Aquella Anna Thereza, por bem, é uma excellente velha, é mesmo agradavel, — mas por mal — hil... é um dragão, é o diabo em corpo e alma, V. S. não sabe que peça está alli.

SILVA.

Sr. Antunes, quando lhe conferi nas eleições passadas a banda de sargento da Guarda Nacional desta freguezia, foi por pensar que o Senhor era alguma coisa na ordem das cousas; porém não é mais do que um poltrão, capaz de correr de uma fraca mulher.

ANTUNES.

V. S. pôde dizer o que quizer, Sr. capitão, mas não é tanto assim, pois V. S. não ignoro que...

SILVA.

Que o senhor é um refinado medroso.

Porém, sentido, Sr. Antunes! Cumpra o que eu acabo de ordenar-lhe, na certeza de que, se não o fizer, sera demittido por cobarde na frente da companhia, e recolhido immediatamente à prisão; olhe que tão depressa não temos eleições para se andar com pannos quentes e agnabenta.

ANTUNES, *à parte.*

Muito soffre um pobre sargento!

SILVA.

Recolha-se, forme a guarda, e leve-a para a porta da igreja, pois já repicou a procissão. Tem percebido? Não comparecendo fardado o dito cujo, prenda-o, e que vá vêr procissão na cadêa.

ANTUNES, *à parte.*

Ha de ser uma dos diabos! e elle que mandou fazer casaca nova!... Coitado!

SILVA.

Sim... hoje é dia de correio... Como o agente móra alli mesmo no páteo, logo que chegar a malla, mande-me avisar por um guarda.

ANTUNES.

Sim, senhor; ás ordens de V. S. (*Vai-se.*)

SCENA II.

JOSÉ DA SILVA, *só.*

Pelo correio passado escrevi aos amigos Dr. Silvestre, commendador Oliveira, e meu compadre barão, ácerca da Guarda Nacional desta freguezia. Na ultima qualificação houve um acrescimo de cento e tantas praças, porque eu tive a habilidade de fazer entrar quanto gato pingado existia, e bem assim alguns nomes imaginarios; e por isso, em vez de uma companhia, devem ser duas, creando-se o lugar de major, para o qual me julgo com direito por todos os titulos, principalmente porque arranjei os votos dos eleitores desta parochia para a chapa do compadre barão, e de sua rodinha. Estou ansioso pelas noticias da capital... Vou já mandar o rapaz ao correio.

(Vai-se, depois de pequena pausa batem palmas.)

SCENA III.

PAULINO DO NASCIMENTO.

Apre! tenho-me visto doudo com a tal Guarda Nacional. Querem por força que me apresente já fardado, tendo sido avisado ha quatro dias; ora isto é uma

verdadeira perseguição que se me faz. E sou tão caipóra, que a cada passo estou avistando de longe o diabo do sargento, que me obriga a esconder-me em algum corredor, ou á quebrar por uma rua diversa, parecendo-me ouvir atrás de mim : —Corra, Sr. Paulino, corra, que alli vem o sargento. Oh! que apuros! que martyrio! Agora felizmente pude obter um titulo de inspector de quarteirão, que hoje em dia é um bellissimo emprego, sem ordenado, é verdade, porém procurado por muita gente bôa. Quero apresenta-lo á sua alteza da Guarda Nacional, e ir esfrega-lo pelas ventas do encarniçado sargento, para então ficar eu em paz.

SCENA IV.

O DITO, E JOSÉ DA SILVA.

SILVA.

O' lá! que procura o Senhor? Não se apresenta fardado para acompanhar a procissão, que não tarda a sahir?

PAULINO.

Creio que agora estou livre do serviço activo.

SILVA.

Livre! e porque razão?

PAULINO.

Porque fui nomeado inspector do quartelão n. 2...

SILVA.

E eu hei de arrumar-lhe nas costas o numero — covado e meio.

PAULINO.

V. S. duvida? Eis aqui a minha nomeação. (*Dá-lhe um papel.*)

SILVA, *depois de ler dá uma gargalhada.*

Ora esta é bem lembrada! O tal Sr. subdelegado é um grandississimo burro quadrado. Pobre freguezia que carrega com semelhante animalejo feito autoridade policial.

PAULINO.

Que diz! Sr. capitão!

SILVA.

O artigo... tigo... Não me lembra agora desse artigo; mas é certo que a nomeação de inspector de quartelão pertence ao delegado do termo, e não ao subdelegado.

PAULINO.

Sei disso; o subdelegado é quem faz a proposta: e como o quartelão está vago, fui nomeado interinamente...

SILVA.

Qual interinamente, homem! o Senhor é um insubordinado, um rebelde, que procura desmoralisar, relaxar, deitar a perder os outros guardas nacionaes com seus máos exemplos. Está enganado, Sr. Paulino! por este meio nada consegue. Attenda bem ás minhas palavras:—se o Senhor não se apresentar fardado na procissão de hoje, ha de ir para a cadêa nem que o diabo estoure!

PAULINO

Porém, Sr. capitão...

SILVA.

Não ha que deferir.

PAULINO.

Eu tenho um titulo que me isenta...

SILVA.

Póde ter quantos quizer... isto não é titulo, é um papel sujo, um papel de embrulhos.

PAULINO.

Como! papel sujo!

SILVA.

Sim, senhor: e para confirmar o que digo, eu o ponho neste estado (rasga-o).

PAULINO.

Rasgou?! Pois V. S. rasgou a minha nomeação de inspector de quarteirão?!!

SILVA.

Ainda faço isto. (*Amarrota os pedaços em uma bóla, e lança-a no chão.*)

PAULINO.

É de mais, Sr. capitão; vou queixar-me ao Sr. subdelegado de policia, que fará o que fôr justo.

SILVA.

O que? o que é que diz, sô atrevido? Pensa você que eu faço caso daquelle jumento?

PAULINO.

Isto é uma arbitrariedade, uma injustiça — um despotismo!

SILVA.

É um diabo que o carregue! Quando se dá um pontapé bem merecido em qualquer pigmeu da sua qualidade, ouve-se logo—é um despotismo! oh! é um despotismo!

PAULINO, *à parte*

Ainda me resta um meio para livrar-me da Guarda Nacional, vou pô-lo em execução.

SILVA.

Póde fallar entre dente, meu bonéco enfeitado; com a farda nas costas, reiuua ao hombro, á direita e á esquerda alli no páteo, hei de ensina-lo a namorar.

PAULINO.

A namorar ?!

SILVA.

Sim, senhor; pensa Vm, que eu não sei dos seus namóricos aqui com a minha sobrinha? Quem é o Sr. para ter a ousadia de levantar os olhos até á filha do meu fallecido irmão? Não vê a distancia que separa a sua da minha familia?

PAULINO.

Que distancia?

SILVA.

Ah!... o Sr. zomba? pois bem a cadêa ha de deixa-lo macio como cêra, ha de colloca-lo no lugar que lhe compete.

PAULINO.

Supponho, Sr. capitão, que eu e sua sobrinha não commetemos crime algum em quereremos casar-nos.

SILVA.

Ora vá se casar com algum trambólho

de sua igualha, ouviu? Minha sobrinha não é para os seus bigodes. Eu sou o tutor e hei de fazê-la casar com quem muito bem me parecer. Nesta freguezia eu sou a primeira pessoa, o homem mais importante, e o Senhor é um... um... um farello, um cisco da rua, um pedaço de palha que o vento leva para o monturo.

PAULINO.

Basta, Sr. capitão; V. S. por ser comandante da guarda Nacional, não tem o direito de insultar a pessoa alguma. (*À parte*) Ah, patife! se não fosse tua sobrinha, que amo tanto!... (*alto*) Eu me retiro... passe muito bem (*vai-se*).

SCENA V.

SILVA, só.

Arre, tratante! hei de pôr-te mais baixo do que o chão! Se tu não me andasses a namorar a rapariga, eu te havia dispensado de todo o serviço, até mesmo passar-te-hia para a reserva com a maior facilidade, como tenho feito aos meus parentes, amigos, e afilhados, que ahí estão se arregalando em perfeito socego. Porém, como és um maroto, um atrevido de quatro costados, has de carregar com os

maiores serviços da Guarda Nacional. O subdelegado de policia está zangado comigo por eu não ter arranjado o lugar de alferes para o seu filho, e agora anda-me cá fazendo fosquinhas, protegendo a este melquetreffe. Pobre daquelle sandeu, que para dar qualquer despacho, é preciso que este pelintra o escreva com lapis nos autos para elle o cobrir com tinta... Ah! vou dizer á menina, que não quero que ella vá vêr a procissão da casa da madrinha; deste modo evito muita cousa (*vai-se*).

SCENA VI.

ANNA THEREZA, *fôra*.

O Sr. Juca está em casa? (*entra*) Ah! eu arrebento de paixão! Estou suffocada até á garganta, estou engasgada com semelhante desaforo!... Ter a petulancia de ir me dizer cara á cara que havia de trancafiar meu filho no xadrez, como se elle fora um ladrão, um matador! Desavergonhado! Se tu não sahisses ás carreiras, eu queria ter o gostinho de fazer bigorna do teu lombo, e deixar o teu capacete bem chato, como um pastel. Ao menos ouvio nomes feios de sua avó torta tão torta como a justiça desta freguezia. Deixe estar! Anna Thereza dos Prazeres,

ha de mostrar para quanto presta. Por bem, pelo direito, sou uma cachorrinha, sou a primeira a obedecer as nossas *leizes*, mas pelo torto, em se querendo me pizar, já estou de nariz torcido, soltando a lingua no mundo sem medo algum do maioral desta freguezia. (*Gritando*) Sr. Juca! ó Sr. Juca!

SCENA VII.

A DITA, E JOSÉ DA SILVA.

SILVA.

Que diabo de alarido é este? Oh! a Sra. Anna Thereza....

ANNA.

Uma sua criada.... Sr. Juca, eu venho aqui para saber de umas estrepolias que o sargentinho das duzias anda fazendo com meu menino.

SILVA, *maçado*.

Que estrepolias?

ANNA.

Pois o Senhor não sabe? Elle foi á minha casa, todo intimado, arrotando muitos poderios, que havia de fazer e acontecer. e que tinha ordem de Vm. para amarrar meu filho como um porco, se não se apresentasse fardado na guarda da *purcissão*. Pois isto tem geito, Sr. Juca?

SILVA, *à parte.*

Esta demonia não saberá que eu sou capitão! (*alto*) Sra. Anna Thereza, seu filho é Guarda Nacional, e como tal ha de prestar serviços.

ANNA.

E nem eu digo o contrario, Sr. Juca; eu bem sei que os nossos filhos são obrigados a servir o rei; porém, que tempo tem tido o meu menino para arranjar o seu fardamento? É impossivel apromptar-se em quatro dias aquellas arreatas e badulaques com que se encastõa um pobre soldado!

SILVA.

Em que badulaques falla a Senhora?

ANNA.

São aquellas corrêas e canastrinhas que os guardas trazem nas costas, Vin. bem me entende, Sr. Juca.

SILVA.

Não entendo nada; o que eu sei é que as minhas ordens hão de ser cumpridas.

ANNA.

Mas então, Sr. Juca....

SILVA, *zangado.*

Ora deixe-me! Está a Senhora desde hoje a martellar-me com Sr. Juca, Sr. Juca, e

sempre Sr. Juca! Irra com tanto Sr. Juca!
dobre a lingua, que eu sou capitão; governo
seu filho, e sou muito superior a elle.

ANNA, *furiosa.*

O que? Superior a meu filho? que desa-
foro! Tão bom como tamborete, e talvez
alguma cousa melhor do rio para cá.

SILVA.

A Senhora é uma atrevida...

ANNA.

Atrevido será elle, já ouvio, Sr. Juca?
Nem o filho do rei e da princeza não é capaz
de ser melhor do que o meu Paulino,
que é um rapaz estimado, que sabe tratar
da vida, que não deve um vintem, e que
não faz mal a pessoa alguma.

SILVA.

Porém, anda-me aqui a fazer gambetas á
minha sobrinha, com a louca pretensão de
se casar com ella.

ANNA.

E o que é que tem isso?

SILVA.

Tem muita cousa; a Senhora não se
conhece?

ANNA.

Conheço-me perfeitamente, e conheço também a sua familia. O Sr. Juca não sabe, ou já se esqueceu quem foi seu pai, e quem foi o meu? pois eu lhe vou explicar....

SILVA.

Não quero, não preciso de suas explicações.

ANNA.

Ora ouça: — o seu pai era meirinho, que andava atrás dos filhos de Deos, cêrca daqui, cêrca d'alli; e o meu, era um digno mestre de obras, um perfeito carpinteiro, officio nobre do Senhor S. José, esposo da Virgem Maria. Agora, Sr. Juca, somme cá, e semme lá e veja se ha razão para Vm. ensoberbecer-se tanto, como se fôra um licenciado.

SILVA.

Senhora Anna Thereza, não estou mais para atura-la; retire-se já de minha presença, antes que eu me sirva do meu poder, da minha autoridade.

ANNA.

Que autoridade? O Senhor é capaz de mandar-me para a cadêa? E se tal acou-

tecesse, de lá mesmo, pelo vão das grades, eu havia de enfiar a cabeça, e lançar-lhe os podres na rua; havia de gritar com toda a força, que o Senhor está comendo a herança de sua sobrinha.

SILVA, furioso.

Rua! fóra de minha casa, senão!...

ANNA.

Senão o que?... O Senhor pensa que eu tenho medo? que faço caso da sua fidalguia?... Sou mulher, sim, mas atropellei o seu sargento. Emfim, senhor licenciado, eu vou me embora, mas fique certo que nunca ha de ter o prazer de me arrumar nas costas uma fardinha da Guarda Nacional, e nem obrigar-me a manejar como seu soldado, ouviu? Estou ás suas ordens (*vai-se*).

SCENA VIII.

SILVA, só.

Diabo! que furia! que lingua damnada! Estive a tres por dous a fazer com ella uma asneira. Pensará esta douda que hei de voltar atrás com a prisão do filho? Agora é que o caldo está entornado, e em vez de oito dias da cadêa, ha de elle chuchar quinze sem appello nem agravo.

SCENA IX.

O DITO, E MANOEL DO PRADO.

Sr. José da Silva, acabo de saber neste momento, que Vm com todo o desaforo e malcriação, desacatou a minha muito respeitavel pessoa, o primeiro homem de bem, a primeira autoridade desta freguezia, rasgando brutalmente uma carta de inspector de quarteirão, firmada pelo meu proprio punho !

SILVA.

Eu rasguei na verdade, mas foi um papel sujo.

PRADO, zangado.

Papel sujo, diz o senhor ?! papel sujo, nas minhas bochechas ?!

SILVA.

O que eu disse está dito. Quanto ao ser vossa mercê o primeiro homem de bem, a primeira autoridade desta freguezia, oppo-
nho a isso os meus embargos.

PRADO.

E que tenho eu com os seus embargos ? Colocado na minha alta posição, não tomo o trabalho de mover os olhos para baixo, afim de descobrir entre as insignificancias a sua insignificante pessoa.

SILVA.

Alto lá, Sr. Manoel do Prado! não se esqueça de que estou em minha casa, e que sou commandante da Guarda Nacional desta freguezia.

PRADO.

E eu sou o subdelegado de policia, e como tal devo ser obedecido e respeitado.

SILVA.

Pois bem, governe lá os seus indigentes, os seus miseros papudos, alcunhados soldados da policia, que eu commando os meus luzidos guardas nacionaes.

PRADO.

Olhe que eu posso manda-lo prender sem mais nem menos, para averiguações policiaes.

SILVA.

Qual prender, nem averiguações! não seja tolo! Eu sou um capitão, e o Senhor bem sabe, que um capitão sempre é um capitão.

PRADO.

Capitão de entremez, a quem o presidente da provincia póde enviar a qualquer hora a demissão embrulhada em um pe-

daço de papel ; isso não vale cousa alguma, é uma babuzeira.

SILVA.

Sim, é babuzeira, mas o Senhor andou se empenhando, ou por outra, andou se arrastando vergonhosamente para ver se encartava o seu bello filho no lugar de alferes babuzeira. O Senhor é como a raposa, que foi atrás das uvas, e que não podendo consegui-las, disse com desdem : — estão verdes.

PRADO.

Sr. Juca ! Vm. me insulta !

SILVA.

Tome lá do geito que quizer, Sr. Manéco!

PRADO, *arrebataado*.

Preso ! o Senhor está preso pelo subdelegado de policia.

SILVA.

Ah !... você respinga por esse lado ? Espere um pouco, vamos ver quem púde mais (*vai-se apressado*).

SCENA X.

PRADO, *só*.

E esta ! que diabo irá elle fazer tão apressado lá para dentro ? Querem ver que foi

se arreatar e pegar na espada: Oh, diabo! Se assim é, eu fico aqui em mãos lençóes. Nada! vou tambem tomar a minha insignia, e por cautella trago comigo alguns policiaes que encontrar ahi pela rua, pois hoje é dia de festa. Que boa idéa! Vamos ver quem póde mais! elle como capitão, e eu como subdelegado! (*vai a sahir e encontra-se com Antunes, que tambem entra apressado, com a calça suja de terra, e este o derruba*).

SCENA XI.

O DITO, E ANTUNES.

ANTUNES, *afflicto*.

Sr. capitão....

PRADO, *cahindo redondamente*.

O' demonio! está bebado?

ANTUNES.

Ah! é V. S.? queira perdoar, Sr. subdelegado, não foi por gosto.

PRADO, *levantando-se*.

Maroto! Por estares com essa bandinha de sargento.... Eu já volto para te ensinar como se deve tratar os homens de bem (*vai se*).

SCENA XII.

ANTUNES, só.

Safa! tem me acontecido hoje o diabo a quatro! Que dia de festa! que dia aziago! Bem disse eu que estava com a pulga atrás da orelha por causa da prisão do Paulino do Nascimento. Vou a sua casa levar-lhe as ordens do capitão, e sahe-me lá de dentro a endemoniada Anna Thereza, com uma ácha de lenha, que podia esmigalhar-me a cabeça se eu não sou mais esperto e ligeiro de pernas. Felizmente ganhei a porta da rua, mas levei um formidavel tombo em buraco cheio de lama, que pôz-me a calça neste misero estado. Corro á minha casa para vestir outra, e acho tudo fechado, porque a mulher foi á Igreja. Agora vejo-me obrigado a acompanhar a procissão todo emporcalhado. Ora só o diabo pôde aguentar essas massadas da Guarda Nacional. Um pobre sargento que quer ser exacto, é quem mais soffre, quem ouve as descomposturas dos malcriados, e quem anda com a pelle em perigo. Certos meninos bonitos não comparecem ao serviço, sahe-lhes ordem de prisão, anda-se por ahi a procura delles, e o resultado é perder eu o meu trabalho, ficando odiado pelos

taes capadocios, que vivem promettendo pancadas, e que mais cêdo ou mais tarde, sempre conseguem uma escusa.

SCENA XIII.

O DITO, E JOSÉ DA SILVA, *em uniforme antigo, trazendo a espada desembainhada.*

SILVA.

Então sô maroto...

ANTUNES.

Eu, Sr. capitão.... eu.

SILVA.

Que é delle?

ANTUNES.

Quem! o subdelegado? Sahio ás carreiras, dizendo que voltava logo.

SILVA.

Que venha esse burro, — havemos de medir as nossas forças, as nossas autoridades.

ANTUNES.

Sr. capitão, venho dar parte a V. S. que a guarda já está formada na porta da matriz, e que o Paulino do Nascimento não compareceu.

SILVA.

Cadêa nelle,

ANTUNES.

Consta-me que elle se vai ordenar, e que na procissão de hoje sahe já vestido de padre.

SILVA.

Prenda-o, prenda-o immediatamente.

ANTUNES.

E se fôr certo com effeito que elle vai ajudar o vigario na procissão?

SILVA, *furioso*.

Prenda o vigario, prenda a procissão, prenda o povo inteiro! Quero mostrar que não sou tolo, que não me deixo illudir com sophismas desta natureza.

ANTUNES.

Porém, Sr. capitão, semelhante escandalo....

SILVA.

Na de observações, senhor bigorrilha! Prenda tudo quanto fôr de encontro, ás minhas ordens! Manda quem póde! Paulino de Nascimento, não é padre, é Guarda Nacional, que está debaixo da minha escôta! (*Ouve-se repiques de sinos*) Eis a procissão que vai sahindo.... Corra, Sr. sargento, depressa! Vá prendê-lo mesmo a porta da Igreja, vá, que o Senhor ha de ser logo nomeado alleres.

ANTUNES, *alegre.*

Devéras, Sr. capitão! Vou empregar todos os esforços para desempenhar as ordens de V. S. (*Vai-se*).

SCENA XIV.

SILVA, *só.*

Hoje sim, hoje vai haver uma estralada nunca vista! Esta freguezia vai nadar em sangue! vai levar tudo o diabo! Sim! o dia 25 de Março de 1848 ha de ficar gravado nas paginas da historia brasileira, como um dia cheio de horrores! Não importa! ao menos não hei de ficar por baixo! hei de mostrar ao mundo inteiro que sei honrar a minha banda de capitão!

SCENA XV.

O DITO, E MANOEL DO PRADO, *com o seu fitão de subdelegado por cima da casaca.*

PRADO, *fallando immediatamente.*

E eu o meu fitão de subdelegado.

SILVA.

Temerario! vieste entregar-te ao abysmo!

PRADO.

Qual abysmo! Eu venho dar uma lição

de mestre a vossa mercê, e ao seu sargento. Pensava o Sr. Juca da Silva, que eu havia de engolir com farinha sêcca o insulto que me lançou em rosto? Pensava que eu, Manoel do Prado, filho legitimo do meu proprio pai, havia de ficar por baixo, tendo andado sempre por cima? Pois enganou-se redondamente, porque eu não sou homem de torcer!

SILVA.

Acabe, que já estou a manda-lo para os infernos!

PRADO.

Sim, preparei a minha guarda policial, que está formada ahi na porta, armada de bons cacetes, e exijo agora mesmo uma satisfação de sua pessoa!

SILVA, *à parte.*

Ah diabo! por esta eu não esperava!

PRADO.

E ha de ser uma satisfação em regra, Sr. Juca, se não quizer ser esquartejado, picado em pedaços miudos pelos meus bravos policiaes.

SILVA, *à parte.*

De facto, esta besta me deu um couce,

que borrou-me a pintura. Se o sargento appareo esse agora!

PRADO.

O senhor a modo que resmungo? Olhe que faço entrar a minha força, mando amarra-lo de pés e mãos e pendura-lo em um páo por essa banda.

SILVA, *olhando para fóra, diz á parte.*

Graças! lá vem o sargento com alguns soldados! (*alto*) Atrevido! ponha-se já no olho da rua!

PRADO.

Oh! ainda estás altivo! Guarda policial! avança! (*entrão quatro individuos disformes. mal vestidos e armados de porretes*) Prendão a este homem! Se elle resistir, arrumem-lhe o cacete,—manda quem pôde! Sim! arrumem-lhe a valer, que eu sou o subdelegado de policia, e respondo por tudo. (*Os policiaes levantão o porrete, prendem a Silva, e tomão-lhe a espada.*)

SILVA, *furioso.*

Marotos! infames! isto é o maior dos despotismos!

PRADO, *triumphante.*

Qual historias! ha de ir para a cadêa.

SILVA, *debatendo-se furioso.*

Larguem-me! larguem-me, sicarios!

de mestre a vossa mercê, e ao seu sargento. Pensava o Sr. Juca da Silva, que eu havia de engolir com farinha sêcca o insulto que me lançou em rosto? Pensava que eu, Manoel do Prado, filho legitimo do meu proprio pai, havia de ficar por baixo, tendo andado sempre por cima? Pois enganou-se redondamente, porque eu não sou homem de torcer!

SILVA.

Acabe, que já estou a manda-lo para os infernos!

PRADO.

Sim, preparei a minha guarda policial, que está formada ahi na porta, armada de bons cacetes, e exijo agora mesmo uma satisfação de sua pessoa!

SILVA, *à parte.*

Ah diabo! por esta eu não esperava!

PRADO.

E ha de ser uma satisfação em regra, Sr. Juca, se não quizer ser esquartejado, picado em pedaços miudos pelos meus bravos policiaes.

SILVA, *à parte.*

De facto, esta besta me deu um couce,

que borrou-me a pintura. Se o sargento apparecer esse agora!

PRADO.

O senhor a modo que resmungo? Olhe que faço entrar a minha força, mando amarra-lo de pés e mãos e pendura-lo em um páo por essa banda.

SILVA, *olhando para fóra, diz á parte.*

Graças! lá vem o sargento com alguns soldados! (*alto*) Atrevido! ponha-se já no olho da rua!

PRADO.

Oh! ainda estás altivo! Guarda policial! avança! (*entrão quatro individuos disformes, mal vestidos e armados de porretes*) Prendão a este homem! Se elle resistir, arrumem-lhe o cacete,—manda quem pôde! Sim! arrumem-lhe a valer, que eu sou o subdelegado de policia, e respondo por tudo. (*Os policiaes levantão o porrete, prendem a Silva, e tomão-lhe a espada.*)

SILVA, *furioso.*

Marotos! infames! isto é o maior dos despotismos!

PRADO, *triumphante.*

Qual historias! ha de ir para a cadêa.

SILVA, *debatendo-se furioso.*

Larguem-me! larguem-me, sicarios!

PRADO.

Segurem-no bem, meus rapazes.

SCENA XVI.

OS DITOS, e ANTUNES, *agarrado em Paulino vestido de padre, e com uma vela accêsa na mão.*

ANTUNES.

Ei-lo aqui, Sr. capitão; deitei-lhe as unhas ao sahir da igreja; o povo espantou-se com o meu arrego militar, mas ninguem se oppôz à prisão do melro.

PAULINO.

É uma tyrannia! um despotismo!

SILVA.

Qual despotismo! ha de ir para a prisão assim mesmo, como está, segurando na véla.

PRADO.

É isso, hão de ir juntos, Sr. Juca.

ANTUNES.

E esta! agora é que estou reparando.... Preso o meu capitão!

PRADO.

Sim, senhor; e assim mesmo veja lá como elle está soberbo. Pobre freguezia.

que possui um commandante da Guarda Nacional desta qualidade.

SILVA.

O que! você está latindo, orgulhoso, pensando que me morde? Sr. sargento, faça entrar os nossos soldados.

ANTUNES, *à porta.*

Em frente, dobrado, marcha cá para dentro! (*Entrão quatro guardas nacionaes com fardamento antigo.*)

SILVA.

Camaradas! prendão a este homem! (*Os guardas chegam-se a Manoel do Prado.*)

PRADO.

Olhem que eu sou o subdelegado, e estou de fitão.

SILVA.

Qual subdelegado, e nem fitão! Agarrem-no! Se elle resistir, mettão-lhe a baioneta,—manda quem póde! furem-lhe o pandulho, que eu sou o capitão. (*Os guardas segurão Manoel do Prado.*)

PRADO, *gritando.*

Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei! isto é um despotismo! favor á justiça!

SILVA.

Já conheces o meu poder? Você está debaixo! Guardas Nacionaes! levem essa besta para a cadêa!

PRADO.

Soldados da policia! Conduzão esse papêlão para o chilindró!

ANTUNES.

E eu tomo conta do padrêco! (*segurando em Paulino*) Para a prisão! manda quem pôde! marcha! marcha! (*vão a partir.*)

SCENA XVII.

OS DITOS, E ANNA THEREZA, *apressada, trazendo tres cartas.*

ANNA.

Esperem, esperem um pouco! Paulino, meu filho, chegou o correio agora mesmo, e eis aqui uma carta grande, que vos manda o Sr. excellentissimo presidente da provincia.

TODOS.

O presidente da provincia !!

ANNA.

E como eu vinha para cá, o homem do correio me pediu para trazer estas outras ao Sr. Juca e ao Sr. Manéco. (*Entrega-lh'as.*)

SILVA E PRADO.

O que ser?! (*Os soldados deixão ambos lerem as cartas.*)

ANNA.

Dá cá a véla, Paulino, lê também a tua carta. (*Toma-lhe a véla, Paulino lê a carta. e ella diz á parte.*) Não sei o que está me rosnando aqui por dentro que estas cartas tem cousa e cousa grande. (*Os soldados olhão admirados.*)

ANTUNES, *á parte a um lado.*

Que scena interessante! os tres a lerem, Anna Thereza a pegar na véla, e o exercito de boca aberta!

SILVA, *suffocado.*

Demittido! demittido de capitão!

PRADO.

Exonerado de subdelegado!

SILVA.

Oh! eis aqui a recompensa de meus serviços e da despeza do fardamento!

PRADO.

Eis a paga do meu trabalho, e e importe do fitão que mandei vir da capital!

PAULINO.

Estou nomeado subdelegado de policia desta freguezia.

TODOS.

Devéras! (*espanto geral.*)

ANNA.

Será possível, meu filho?! Nossa Senhora do Bom Successo! Eis o que se chama deitar agua na fervura!

PAULINO.

Ora graças a Deos, que estou livre da Guarda Nacional. É bem certo o proverbio:—Manda quem pôde.

ANNA.

Mas olha lá, Paulino, justiça bem feita, e nada de cavalladas como estas autoridades da roça.

PAULINO.

Confio na Providencia, que hei de cumprir os meus deveres com toda a imparcialidade.

PRADO, *com zombaria.*

Saudades á prima, Sr. Juca da Silva;
quer vender a banda?

SILVA.

É o roto que se ri do esfarrapado;
agora enforque-se no fitão, ou então póde
vendê-lo ao novo subdelegado.

ANNA.

Alto lá! meu filho não precisa de trastes
velhos.

ANTUNES, *d parte.*

Vejão bem o que é o mundo!

SILVA.

Fechei a porta á politica e a empregos
publicos.

PRADO.

Eu tambem estou enfarado destas ba-
buzerías.

ANTUNES.

Apoiado, meus senhores, outro tanto
digo eu, não quero mais ser sargento
(*d parte*) com a quéda do capitão, póde
ser que eu suba o degráo de alferes.

SILVA.

Sr. Paulino do Nascimento, se resolver-

se a deixar a carreira ecclesiastica, tão cheia de espinhos, e quizer a mão de minha sobrinha, ella sorá sua esposa,— ainda manda quem póde.

ANNA.

■ eu prometto que serei uma boa sogra.

PAULINO.

Na verdade, o estado sacerdotal é muito pesado... eu aceito a sua proposta com a maior satisfação.

ANTUNES, *à parte.*

Deu em drogas todo o espalhafato. É o que eu digo:—para elles finalmente uma escusa, e para os sargentos estas esfregações (*mostrando as sujeiras da calça*).

ANNA.

Ora pois, meu filho, não te esqueças: — bom marido e bom subdelegado,— manda quem póde.

TODOS.

Apoiado! Manda quem póde.

ANNA, *cantando.*

Da Guarda Nacional
Meu menino está isento,

Por ora não se compra
De soldado o fardamento.

CÔRO.

A casaca ha de vestir,
O fitão ha de ocupar,
A paz ha de manter,
A justiça praticar.

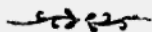
FIM.

O MARIDO-MULHER

SCENA COMICA

POR

FRANCISCO LUIZ DE ABREU MEDEIROS



Uma sala simples com uma janella para a rua. A um lado da scena vê-se um berço de embalar, onde parece estar uma criança. Ao levantar do panno, o actor, assentado em uma cadeira, somma uma conta sobre uma mesa, em cima da qual está um castiçal com vèla accèsa. É noite.

ACTOR.

Que conta endemoninhada! Ha mais de meia hora que aqui estou a quebrar a cabeça, e não posso dar com o maldito engano! Vamos somma-la pela vigesima vez.—7 e 8—15, e 6, 21... (*a criança chora*) Adeus! ahi temos gaita. (*Levanta-se e embala o berço*) Xi!... xi!..., xi!... (*assenta-se*) 7 e 8—15, e 6, 21, e... (*a criança chora e elle vai embala-la*) Xi!...

xi!... xi!... (assenta-se) 7 e 8—15, e...
(a criança chora).

Ora que diabo! estou vendo que não
acerto esta conta. (em-bala a criança) Xi!...
xi!... xi!... (a criança grita, e elle põe-se
a cantarolar) Nan... nan... nan... nan!...
Durma filhinho, durma, ouvio? (assenta-se)
7 e 8... (a criança chora, e elle ergue-se
zangado.)

Que te leve a casqueira! hoje temos
festa! Durma sô demoninho, filhinho do
diabo! (a criança grita mais forte).

Peior, peior! Já estou ogerisado, le-
vado da breca! um!... (brando) Durma
anjinho não chore, mamãe não tarda coi-
tadinho! (canta).

Não chores, querido filho,
Que o pai-mamãe aqui está...
Qual frangão que choca pintos,
Eu nem chôco existo já!

Dorme, dorme, meu filhinho...
O pai-mamãe contigo está.

(A criança chora.) Han! queira Deos
que eu não faça alguma asneira. Pois
quem é que pôde supportar uma cousa
destas?!... (em-balando sempre) Ora cazem-
se lá, cazem-se para verem o que é bom,
para experimentarem um excellente pe-

tisco. Eu já li não sei onde que o casamento é uma fruta muito saborosa, porém que o caroço é difficil de se engulir... Eis aqui o caroço e além destes ha outros caroços, que se vai engolindo com cara alegre. A mulher sahe ao passeio, a pagar visitas e mais visitas—e me deixa feito ama de criança. Este demoninho é tão manhoso, que não tenho um momento de socego.—Que figura faço eu nesta casa? Sou o marido ou a mulher! Qual marido! sou a propria mulher, e ella é o meu marido! Trabalho de dia como um negro, cuido no negocio, nas cobranças... Chega a noite, quero passear um pouco espai-recer. e... etc.. qual! ahi é que minha mulher tem de pagar visitas á D. Fulana, á D. Sicrana, á D. Beltrana—ao diabo! Ora que vão para o inferno as taes visitas —as taes amigas fingidas, que só frequentão as casas alheias para se distrahirem, e saberem novidades e mexericos. Daqui em diante hei de mostrar cara feia a quanta mulher me apparecer aqui, hei de tratar a todas—com a maior grosseria a vêr se ellas dão o cavaco, e não voltão mais! Deste modo minha mulher não ha de sahir de casa, porque não terá visitas a pagar e eu voderei fazer os meus passeios. *(Deixa*

o berço e assenta-se) 7 e 8—15, e 6—21...
(*a criança chora.*) Cala a boca, diabinho,
demoninho, inferninho! (*a criança grita
mais forte, e elle falla mais brando*) O po-
brezinho é um innocente que não sabe
o que faz. (*Embalando*) Xi!... xi!... xi!...
Nan... nan... nan!... Quero ver se esta
mulher apparece... (*vai á janella*) A noite
está escura como negro, preta como car-
vão... Nada vejo, e nem ouço tropel que
me dê alguma esperança (*a criança chora.*)
Isso, isso! vá dando de guela, grite, ator-
mente os meus ouvidos—faça-me ficar
surdo! (*embalando*) Ah! se eu soubesse
bem destas cousas—não era capaz de casar-
me, não era capaz! Isto é uma vida do
diabo! Pois haverá dinheiro que pague
um trabalho destes?... Não me casava,
está dito, não me casava nem que me
offerecessem o maior dote do mundo!
(*Canta*):

O casar é cousa boa...
Mas é melhor não casar:
O pateta que é casado
Vive sempre a suspirar.

Quem não sabe que o boi solta
Chifra aqui, chifra acolá?

Às dez ou onze horas da noite vai a

gente deitar-se cansado, fatigado, aborrecido... estende-se o pobre corpo sobre a cama, puxa-se a coberta, e quando se vai a pegar no somno—nhé, né. (*arremedando o choro, com o que a criança accorda, e continúa a gritar*) Ora está o que fui fazer!... Xi!... xi!... xi!... Durma filhinho da minha alma, durma... Além dos chôros aguenta-se mais alguma coisa indecente, porque as crianças, como todos sabem, não tem politica—não tem a menor contemplação com pessoa alguma. Outro dia vesti-me para ir á missa, puz-me de calça branca engommada, e este ladrãozinho, tão engraçado estendeu-me os bracinhos... carreguei-o, e parece-me que estava só a espera disto, porque logo—brrrrrra!... Oh, meu Deus! que maçada! que indecencia! que desapontamento!... Façam idéa, meus senhores!... Fui mudar de roupa, e de raiva quasi perdi a missa. (*Vai á janella*) Qual! nem noticia da minha mulher ou antes do meu marido, pois de facto eu faço as vezes de mulher, e a prova é que aqui estou exercendo o papel de ama de criança. (*i resta attenção ao berço*) Agora sim ferrou no somno, que é um gosto. Aproveitemos emquanto elle dorme socegado (*caminha pé ante pé, e as-*

senta-se) 7 e 8—15, e 6—21, e... (a criança chora) Inferno dos infernos! (furioso lança ao chão a penna, papel e tinteiro) Irra com seiscentas legiões de diabos! Creio que Satanaz veio hoje fazer a sua residencia nesta casa! (*Embala o berço com força*) Durma sô manhoso do demonio que senão! um! quasi disse uma blasphemia. Uma criança assim é muito capaz de tirar a gente do serio, e de fazer commetter-se um despropósito! Ah!... Se Deos permittir que eu fique viuvo—em outra não caio! sim não caio em me casar segunda vez! eu o juro! Não quero saber mais de filhos—Deixe estar, ainda hei de escrever um tratado sobre o casamento, hei de pintar com vivas côres todos os resultados, todas consequencias desta triste vida, que aquelles que o lezem não se hão de animar a deixar o estado de solteiro. Oh! quem me dêra que eu fosse solteiro! Não é de balde que os mais entendidos dizem que um boi solto lambe se todo... E eu!... pobre de mim que já não posso lamber-me! O' meu bom tempo em que me chamavão de cão sem dono! Eu voltaria de bom grado a ser cão, ou outra cousa peor comtanto que não fosse casado! Nos meus

bellos dias que já se passarão, eu fazia outra idéa muito diversa do casamento... figurava-se-me um quadro bonito, lindo — delicioso! Parecia-me que era viver no céo em companhia dos anjos... Pois não? Eis aqui o céo, é um quadro pincelado com lama de Paris! Reparem todos, olhem com attenção para o jardim de flôres com que vivo! A minha vida serve de espelho a quem pensar em casar-se...

Ainda não apparecerá esta mulher do diabo?... (*vai a janella*) Qual apparecer! Eu até supponho que ella ou *elle* demora-se de proposito para me *amolar*, para me sovar—para me acabrunhar inteiramente!— Emfim, Deos é grande! tempo virá em que hei de ver-me sem a pesada carga matrimonial, fardo insupportavel—horroroso! (*Recitativo*):

Se algum dia liberto alcançar-me,
Eu farei como a besta manhosa—
Que atirando a cangalha—dá couce.—
Disparando soberba—orgulhosa

Correrei livremente nos campos—
E não ha de apanhar-me um demonio!
De bem longe darei gargalhadas...
Hei de rir-me do tal matrimonio!

(*Suspirando*) Ai! por ora ainda não ha probabilidade de ver-me sem cangalha...

O que me vale é ter só um filho! E se vierem oito ou dez, e se combinarem-se para herrarem todos a um tempo, oh meu Deos! o que será de mim?... (*a criança chora*) Nan... nau... nan... O coitadinho de certo está com fome... e não é outra cousa; o papai... sim, como eu sou a mamãe, o papai sahio sem dar-lhe de mamar, e eis-me agora nos maiores apuros! E que hei de eu fazer? é meu filho—devo aguentar a bucha, e viver ahi por fóra com cara alegre porque ha certas cousas entre os casados que se não deve publicar. (*Vai á janella*) Oh! se não me engano, creio que ouço a sua voz, ella vem conversando com a criada... justamente é ella mesma (*sahé da janella*). Não seria máo que eu lhe prégasse uma peça... é isso, vou fingir-me desmaiado com o chôro do menino, a ver se consigo alguma cousa... Sim, depois que eu voltar do desmaio, digolhe que me vi desesperado com os gritos do menino,—que tive impetos de matar-me... qual matar-me! quero viver ainda muitos annos! Mas o menino agora está dormindo... que diabo! quando se quer que elle chore—está quieto. (*Canta*)

Chora, chora, meu filhinho,
Que o papai não tarda a vir...

É preciso que tu chores
Para eu poder me rir.

Chora, diabinho, chora,
Para eu poder me rir.

(*Vai à janella*) Já vem alli perto... Oh!
é boa uma idéa... prégio-lhe a peça, e depois
rio-me ás escondidas (*exclama em voz alta,*
e a criança grita) Ai, ai! quem me acode!
eu morro desesperado! (*Escuta*) Ella en-
trou agora mesmo. (*Exclama*) Meu Deos,
meu Deos! eu morro!

VOZ DA MULHER.

O que é isso? Misericordia!

ACTOR.

Acudão, que eu morro desesperado!
(*Dá um salto, faz com os pés um barulho,*
assenta-se immediatamente no tablado, e es-
tende-se como morto). Ah! vem ella!... é
uma peça bem pregada á minha mulher
e aos senhores. Desçam o panno!

(*O panno desce rapidamente.*)